

5.

Das experiências dos círculos: como se forma um leitor?

*¿Acaso la sustancia de la literatura no es todo lo que los seres humanos han pensado, sentido o creado?*¹⁰⁸

Louise M. Rosenblatt

Conforme assinalam certos teóricos, a interação é a chave para o desenvolvimento da atividade de recepção leitora. Essa interação é, em grande medida, um modo de implicação do leitor com o texto e de resposta da cumplicidade com o leitor que o autor busca através da escrita. Todo esse trânsito de apelações e estímulos – por uma parte e respostas e valorações por outra – constitui a trama do processo de recepção literária. Este processo se desenvolve por uma sucessão de fases delimitadas pela estrutura do texto e pela atividade do leitor.

A priori, estes teóricos estão referindo-se ao leitor denominado por eles mesmos como leitor arguto, leitor empírico, leitor consciente, leitor inventivo, leitor ativo, leitor profissional, leitor ideal¹⁰⁹, leitor letrado¹¹⁰, leitor real¹¹¹, leitor abstrato¹¹², leitor especializado¹¹³, leitor infinito¹¹⁴ e outras denominações¹¹⁵, ou seja, leitores que já dão

¹⁰⁸ ROSENBLATT, L.M. *La literatura como exploración*, 2002, p. 31. “Por acaso, a substância da literatura não é tudo o que os seres humanos têm pensado, sentido e criado?”. Tradução de minha autoria deste e demais textos em espanhol e francês utilizados neste capítulo

¹⁰⁹ Segundo Flavio Carneiro, a leitura ideal, **se existe**, acontece quando se deparam um texto aberto, plural, com um leitor que se propõe, dentro do campo quase infinito dos significados do texto, trabalhar com o imaginário, leitor ativo. CARNEIRO, F. *Entre o cristal e a chama*, 2001, p. 49. Grifo meu.

¹¹⁰ Para Pierre Bourdieu, o fator social é preponderante na formação do leitor, este designado como “*hermeneuta que busca el sentido*”. Cf. CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*, 2003, p. 146. Talvez esta denominação seja a que mais se aproxima do leitor objeto desta pesquisa.

¹¹¹ *Le vrai lecteur es un corp, il lit avec* (“O verdadeiro leitor é um corpo, ele lê com”). É desta maneira que Vicent Jouve (*La lecture*, 1993, p. 34) define o leitor real: “uma pessoa por inteiro que, como tal, reage plenamente às solicitações psicológicas e ideológicas do texto”.

¹¹² Termo usado por Roger Chartier como referência ao leitor postulado por Hans-Robert Jauss, a partir da teoria da recepção, “*un lector que de hecho universaliza la posición o la capacidad de lectura*” (“um leitor que de fato universaliza a posição ou a capacidade de leitura”). CHARTIER, R. *Idem*, p. 38.

¹¹³ Isabel Solé denomina leitor especialista o leitor que atribui sentido e significado ao texto. A autora rejeita a idéia de recitação, exceto no caso da poesia, quando o ato de declamação faz parte do ato de ler, e lança mão de outras denominações para *lector* no decorrer de sua obra. SOLÉ, I., 1999, p. 18.

¹¹⁴ Cristina Pizarro faz duas alusões básicas ao termo: 1) classifica o Homem como tal por sua condição de leitor desde a pré-história, quando criava as figuras rupestres, até hoje, quando é capaz de criar intrincados

conta dos “espaços em brancos da leitura”¹¹⁶, que já dão conta das articulações necessárias à boa interpretação, ao bom entendimento do texto, senão, à compreensão “ideal” do texto. Os teóricos nunca se referem aos leitores que não têm prática ou hábito de leitura ou são iniciantes. Alguns teóricos, contudo, se detêm aos iniciantes quando estes são crianças, diferente do caso abordado nesta pesquisa, elaborada a partir de experiências de práticas de leituras com adultos¹¹⁷.

Desta maneira, é necessário ressaltar que o objetivo deste estudo é mostrar que os círculos de leitura são eficientes na formação do leitor jovem e adulto. Mais ainda, são eficientes na formação de leitores jovens e adultos pertencentes às classes populares e marginalizadas, com pouco ou nenhum contato com leituras prévias, que com textos de boa qualidade, selecionados para os círculos, com monitores comprometidos, podem ser formados e preparados para o ingresso e estudos na Universidade.

O caminho que está sendo proposto para a formação do leitor envolve seleção de textos que tenham a ver com a vida dos participantes, textos de *leitura comum*¹¹⁸. Não nego a importância da leitura dos textos eruditos, da literatura clássica, dos autores consagrados, que podem vir em seguida, conforme o interesse e objetivo de cada um. O que se propõe é um trabalho no campo das afetividades por meio dos textos. Na relação afetiva com os textos, há identificação entre leitor e personagens, entre leitor e cenário, entre leitor e enredo. Ou seja, “a leitura (da leitura trivial à erudita, passando pela infanto-

programas de computador; 2) leva em conta a relação dialética entre texto e leitor, da transformação de ambos, proposta pela Teoria do Efeito Estético. PIZARRO, C. *Em la búsqueda del lector infinito*, 2008.

¹¹⁵ Cf. ressalta Antonio Mendoza Fillola, Stanley Fish caracterizou certo tipo de leitor ideal que vale a pena destacar aqui: a) um falante competente da linguagem que está construindo com texto; b) possuidor de conhecimentos suficientes para estabelecer as relações semânticas (conhecimento enciclopédico e experiências); c) capaz de ativar os dados e referentes de sua competência leitora na qual internalizou as propriedades do discurso literário; d) conta com ampla experiência como leitor, que lhe permite interiorizar as propriedades do discurso literário. *Apud* FILLOLA, M. A. *Tu, lector*, 1998, p. 127.

A designação de Osman Lins também vale a pena ser destacada. Em *A rainha dos cárceres da Grécia*, romance-ensaio no qual o narrador-ensaísta faz a crítica literária, em diário, do romance inédito escrito pela recém-falecida amante, assim, ao mesmo tempo em que analisa a obra, dados de sua vida perpassam pelo texto. O escritor pernambucano utiliza deste subterfúgio, mistura ficção, realidade e crítica literária, para fazer interessantes alusões a categoria aqui mencionada, tais como, “leitor advertido e insubmisso” (p. 72) e “leitor atento e exigente” (p.192).

¹¹⁶ Cf. assinala Wolfgang Iser.

¹¹⁷ Os livros de Michèle Petit e de Joële Bahloul baseiam-se nas experiências de formação de leitor com populações de imigrantes em Paris.

¹¹⁸ Cf. referência ao trabalho dos pesquisadores franceses C. Baudelot, M. Cartier e C. Detrez (*Et pourtant ils lisent*. Paris: Seuil, 1999) citado no estudo de Maria Alice Faria, que definem leitura comum como leitura que “não é feita em função do valor literário atribuído à obra pela academia” (p. 82).

juvenil) é assim uma forma de conhecimento pessoal, de aprendizagem de vida. É o conteúdo humano dos livros que é posto em primeiro plano”.¹¹⁹

Assim, tendo-se em mãos os textos literários, parte-se da idéia da leitura como prazer, isto é, o prazer é a primeira condição do “pacto leitor”; através de pesquisas autobiográficas, relacionadas a seus nomes, a objetos pessoais, a laços sociais e culturais, procura-se dar meios para a construção da subjetividade do participante; outra etapa a ser cumprida é a da apropriação dos textos lidos. Pois, como sustenta Michèle Petit *la lectura, tal como se practica en la actualidad, invita a otras formas de vínculo social, a otras formas de compartir, de socializar, diferentes de aquellas en que apretujan todos como un solo cuerpo alrededor de un jefe o de una bandera*.¹²⁰

Várias pesquisas têm apontado para o fato de que a leitura e a escrita foram superadas por outras modalidades de entretenimento, de estudo, de sociabilidade, isto é, foram substituídas pela mídia eletrônica e sua circulação, ainda que impressa, é feita de outra maneira. Esta, por sua vez, é forte concorrente da escola. As duas – escolas e tecnologias de informação – correm em paralelo, poucas vezes puderam unir-se em benefício do aluno, pois são poucas as escolas aparelhadas adequadamente e com boas propostas de trabalho em conjunto, na tentativa de unir as pontas de dois extremos.

O crescimento do uso da mídia eletrônica pode ser considerado como fator de distanciamento do livro, o que vem causando certo desajuste. Porém, vale lembrar, que os alunos de gerações anteriores pertenciam a uma sociedade que se baseava seu funcionamento no uso intenso da escrita, ao mesmo tempo em que estimulava o avanço tecnológico, o desenvolvimento dos meios de comunicação, a evolução e a rápida implantação de novas tecnologias.

¹¹⁹ FARIA, M. A. *Parâmetros curriculares e literatura*, 1999, p. 82.

¹²⁰ PETIT, M.. *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*, 2003, p. 98. “A leitura, tal como é praticada atualmente, convida a outras formas de vínculo social, a outras formas de dividir, de sociabilizar, diferente daquelas em que se compacta todos em um só corpo ao redor de um chefe ou de uma bandeira”.

5.1

Escola vs. Literatura: o que a literatura ensina à escola?

*El imaginario no es algo con que lo que se nazca. Es algo que se elabora, crece. Se enriquece, se trabaja con cada encuentro, cada vez que algo nos altera. Cuando siempre se ha vivido en un universo de horizontes estrechos, es difícil imaginar otra cosa. O cuando se sabe que existe otra cosa, imaginar que se tenga el derecho de aspirar a eso.*¹²¹

Michèle Petit

Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo. Da escola primária à universidade, professores se queixam de que a maioria dos seus alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar, além de não saber escrever. No Brasil, milhares de livros de Português, obedecendo à mesma fórmula – textos acompanhados de exercícios de interpretação – são consumidos anualmente, mas nem por isso os alunos tornam-se bons leitores.

Algumas explicações adequadas podem ser encontradas nos autores que descrevem a leitura como uma espécie de diálogo, de troca, de interação e de jogo entre autor/texto/leitor. Neste processo, o leitor constrói os significados do texto e o compreende. O leitor tem papel ativo, não é apenas receptor. Para que esta interação autor/texto/leitor ocorra, no entanto, é preciso que o leitor disponha de conhecimentos que nem sempre consegue obter na escola.

Desta maneira, o teórico Wolfgang Iser considera que a obra literária mantém uma relação comunicativa entre texto e leitor, portanto, o ato de ler, equivalente ao um jogo, e é assim definido:

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é o resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e

¹²¹ PETIT, M. *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*, 1999, p. 185. “O imaginário não é algo com o qual se nasce. É algo que se elabora, cresce, se enriquece, se trabalha, com cada encontro, cada vez que algo nos altera. Quando sempre se viveu em um mesmo universo de horizontes estreitos, é difícil imaginar que exista outra coisa, imaginar que se tenha o direito de aspirar a isso”.

que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e, daí, modificam – o mundo referencial contido no texto. [...] Este pode repetir uma realidade identificável, mas contém uma diferença decisiva: o que sucede dentro dele não tem as consequências inerentes ao mundo referido. Assim, ao se expor a si mesma a ficcionalidade, assinala que tudo é tão-só de ser considerado *como* se fosse o que parece ser; noutras palavras, ser tomado como jogo.

O mundo repetido no texto é obviamente diferente daquele a que se refere, quando nada porque, como repetição, deve diferir de sua existência extra textual – o que vale para todos os tipos de discursos, textuais ou não – porquanto nenhuma descrição pode *ser* aquilo que descreve.¹²²

Dito de outra forma, o princípio de Iser é de que o leitor é o pressuposto do texto. Ele pretende mostrar, de um lado, como a obra se organiza e dirige a leitura e, por outro lado, a maneira pela qual o sujeito-leitor reage no plano cognitivo aos percursos impostos pelo texto¹²³. Podemos dizer, assim, que o leitor mantém com o texto uma relação dialética, um vai-e-vem entre dois pólos, o de antecipação e o de retroação. Esta relação é a base da idéia apresentada por Wolfgang Iser do preenchimento dos espaços em branco do texto pelo leitor, o que implica duas ações simultâneas: uma referente à inserção do leitor no texto; outra, referente à distância que ele toma para observar de fora o que lê, ocasionando, desta maneira, a observação de si mesmo como peça fundamental no ato da leitura. Segundo Vincent Jouve é esta constante oscilação entre implicação e observação que faz da leitura um acontecimento vivido,¹²⁴ sendo também um dos pontos-chave da Teoria do Efeito Estético.

Ainda para os teóricos da recepção e do efeito estético, a mediação da identidade própria com a alheia se cumpre por meio de esquemas de ação de cuja vigência depende “a possibilidade de ação simbólica, como a ação por excelência”.¹²⁵

¹²² ISER, W. O jogo do texto, 2002, p. 107.

¹²³ Cf. JOUVE, V. *La lecture*, 1993, p. 6.

¹²⁴ JOUVE, V. *La lecture*, 1993, p. 84. Original: “C’est cette constante oscillation entre implication et observation qui fait de la lecture un événement vécu”.

¹²⁵ STIERLE, K. Que significa a recepção de textos ficcionais, 2002, p. 129.

*Le texte le moins personnel, le plus dénué apparemment de valeurs subjectives, est invisiblement animé par une activité spirituelle centrale de qui le texte, et tout ce qu'il contient, pensées, sentiments, actions, dépendent de la façon la plus étroite. Au sein de la pluralité des objets qu'une pensée se donne, il y a toujours un sujet. Que ce sujet soit l'auteur lui-même se transportant dans une oeuvre et vivant à l'intérieur de son propre texte, cela n'est pas niable. Bien entendu, il ne s'agit pas ici de l'auteur, tel qu'il se montre à ses propres yeux et à ceux des autres, circonscrit et diminué par toutes les mesquineries de la vie courante. Mais c'est bien l'auteur, ou du moins la pensée agissante, réfléchissante et consciente de l'auteur, qui se trouve liée indéracinablement dans son texte à tous les objets auxquels il choisit de se confronter. Lire un texte, c'est donc prendre connaissance de cette présence interne.*¹²⁶

Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos sem motivação e repetir sem fim exercícios de cópias resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita e à leitura. Como diz Sartre, “o autor guia, somente isso; as balizas que estão separadas por espaços vazios, é preciso interligá-las, é preciso ir além delas”.¹²⁷

Antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons é preciso mostrar aos alunos o que se ganha, o que se obtém com a leitura: mas isto só será possível por meio de atividades que façam sentido, atividades de compreensão de leitura desde as etapas iniciais de alfabetização. Caso contrário, muitos continuarão pensando que a leitura é tarefa difícil, complicada e inútil. Daí, “há um evidente e progressivo desgosto pela leitura a partir da escola, que, no Brasil, representa o canal mais constante de relação com o livro”.¹²⁸ Tornar a leitura significativa e atraente desde as etapas iniciais de alfabetização, de modo a contribuir para a formação de bons leitores deveria ser a meta

¹²⁶ POULET, G. *apud* JOUVE, V. *La lecture*, 1993, p. 69. “O texto menos pessoal, o mais desprovido aparentemente de valores subjetivos é invisivelmente animado por uma atividade espiritual central da qual o texto, e tudo o que contém – pensamentos, sentimentos, ações – depende da maneira mais estreita. No que toca a pluralidade dos objetos dado por um pensamento, há sempre um sujeito. Que este sujeito seja o autor ele mesmo se transportando para dentro da obra e vivendo no interior de seu próprio texto, isso não é negável. Bem entendido, não se trata aqui do autor, tal como ele se mostra a seus próprios olhos e aos outros autores, circunscrito e diminuído por todas as mesquinhas da vida corrente. Mas, está bem, o autor, ou devido menos ao pensamento agitado, refletido e consciente do autor, que se encontra ligado indagadoramente em seu texto a todos os objetos aos quais ele escolhe em se confrontar. Ler um texto, é então tomar conhecimento desta presença interna.”

¹²⁷ SARTRE, J.-P. *O que é literatura?*, 2004, p. 38.

¹²⁸ YUNES, E.; PONDÉ, G. *Leitura e leituras da literatura infantil*, 1988, p. 29.

de todos os envolvidos, deveria ser retirada toda a carga de responsabilidade que, ao final, recai sobre a Literatura, enquanto disciplina.

Uma das possíveis explicações para este desajuste no ensino escolar pode se encontrar em estudos da pesquisadora espanhola, Teresa Colomer. Para ela, a tradição escolar sempre tratou a leitura e a escrita como duas atividades desconectadas, inclusive no tempo: primeiro aprende-se a ler e depois a escrever. Primeiro ler um texto e depois escreve-se sobre ele. A consequência desta separação é a outra divisão: a leitura se dirige a textos externos e autônomos, textos que foram criados e funcionam socialmente. Já a escrita, ainda na opinião de Colomer, ao contrário da leitura, produz textos escolares, textos para “aprender” o texto social, textos que raramente são lidos com algum propósito externo. Assim, a leitura converte-se na leitura do externo, enquanto os escritos são apenas textos fragmentados e de aprendizagem.¹²⁹

O ensino de Literatura não está livre de todos esses problemas, tanto os estruturais quanto aqueles situados no campo ideológico, segundo a definição de Yunes e Pondé para tal conceito: “sistema teórico cujas idéias têm origem na realidade [...] mas que, apresentadas como entidades autônomas, desenvolvem uma representação ilusória de unidade e coerência”.¹³⁰

Conseqüentemente, a aprendizagem, na visão popular, está centrada na ação do professor, é ele que coloca o conhecimento dentro do aluno, logo, o professor de Literatura vai ensinar os tópicos apresentados pelos livros didáticos, àqueles pedidos nos programas de vestibular. Professor de Literatura, a partir dessa crença, não foi feito para ensinar e refletir: o professor de Português, propriamente dito, ensinar as regras e normas do bem falar e do bem escrever; o de Matemática, as contas, a entender os números de uma maneira geral; o de Geografia fala sobre a Terra e outros planetas; o de História, do passado e o de Filosofia, caso tenha, vai mais além do passado. Qual dessas disciplinas ensinará a ler, no sentido de compreender o texto e, conseqüentemente, a escrever, a expressar as emoções, as idéias, o subjetivo, a explicar o espaço que ocupa?

¹²⁹ COLOMER, T. *Andar entre livros*, 2007, p. 121.

¹³⁰ YUNES, E.; PONDÉ, G. *Leitura e leituras da literatura infantil*, 1988, p. 40.

Todas elas poderiam atuar juntas na formação intelectual do aluno, na formação do cidadão. Não deveria caber à Matemática ensinar somente o que é um mais um. Quando as incógnitas entrassem no que parece ser tão lógico, poderia ser um momento oportuno para entrar no lado lúdico: qual é o valor de x , y , z ...? Para onde foi a lógica, a razão se o aluno terá que resolver expressões cujo objetivo será descobrir o *valor* de algo, no caso uma letra, que, a princípio, *não tem valor*. Ao x deverá também *ser atribuído um significado*, é apenas *uma representação do real*.

É o que diz, em outras palavras, Teresa Colomer:

A comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através dos caminhos assinalados. [...] O trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é que justifica o esforço de ler.¹³¹

Como lembra Paula Carlino¹³², há ao menos dois problemas marcados com respeito ao esse sistema de papéis, cujos posicionamentos polares e desbalanceados estabelecem problemas relativos *a quem* aprende ou não aprende e *o que* se aprende. Assim, o modelo didático ainda entende a docência como “dizer ao estudante o que sabemos sobre uma matéria”, omite passar um dos mais importantes conhecimentos do professor: os modos de indagar, de aprender e de pensar em suas áreas de estudos, ou seja, modos vinculados às formas de ler, de escrever e de articulação do que foi apreendido.

Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a leitura é definida como processo no qual o leitor necessita ter papel ativo para chegar à compreensão do lido.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível a proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai

¹³¹ COLOMER, T. *Andar entre livros*, 2007, p. 62.

¹³² CARLINO, P. *Escribir, leer y aprender en la universidad*, 2005.

sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.¹³³

Contudo, a escola ainda é regida por outros conceitos e expectativas relativas à prática da leitura e ao ensino em geral e o de literatura, em particular. Podemos dizer que existem idéias consagradas sobre a atitude que os alunos devem ter para poder aprender. Como imaginam que o professor é o único detentor do conhecimento que vão buscar, acham que devem prestar toda atenção naquilo que o professor diz. Costumam achar pura perda de tempo quando um colega dá a sua opinião, o conhecimento vem do professor, nunca dos colegas. Por isto, irritam-se quando o professor estimula a discussão entre eles.

Por outro lado, acham que o professor ensina só quando fala coisas sobre as quais eles não tenham a menor idéia. Quanto menos estiverem entendendo mais acreditam que o professor esteja ensinando.

Às vezes, sentem-se mal quando o professor aborda temas do dia-a-dia deles. Não foram à escola para aprender melhor o que está próximo a eles. Querem saber o que está distante. Na imaginação deles, é o conhecimento deste distante que permitirá a melhoria de suas vidas. Mas, como saber o que chamam de distante se não entendem o presente, o pequeno mundo em que vivem? De um modo geral, não há esforço, uma orientação para que aprendam a pensar. O aluno está sempre esperando algo pronto e o professor, geralmente sobrecarregado, dá-lhes o que já tem pronto, porque é mais fácil. O pensar não é praticado. Então ao pedir que a turma leia um livro, o professor pede aquele que ele já tenha lido, está citado como obra importante no livro didático como pertencente a algum estilo de época e a “prova do livro” pode ser uma adaptação da prova da turma anterior. Ou seja, nem o próprio professor usa a sua disciplina, aquela pela qual é responsável para exercitar a sua mente. Ele não faz com que a Literatura atinja o *status* que as outras têm. Literatura é tão importante quanto a Matemática ou Física. A prática da Gramática está na Literatura, vide os compêndios normativos em que para todos os itens há uma citação literária à guisa de exemplo. Portanto, é lendo, é vendo e sentindo textos escritos, tendo contato com os mais variados gêneros e autores que aprendemos a escrever melhor e desenvolvermos outros sentidos e percepções.

¹³³ MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1998, p. 69.

Por isso, Joëlle Bahloul afirma que antes de ser uma prática social, a leitura funciona, em realidade, em sistema de “rede”, de circulação e troca de conhecimento. Para a professora francesa, tampouco pode ser considerada a leitura, como afirma a corrente mais tradicional, um ato de intimidade pura de retraimento individualista isolado do mundo e da sociedade: *La lectura está totalmente imbricada en la organización y las condiciones sociales. La iniciativa de la lectura, la recepción y la circulación de los conocimientos adquiridos, las representaciones del libro y de la lectura actúan en el marco de las “redes” de socialización.*¹³⁴

5.2

Novas perspectivas para o ensino de literatura ou novas propostas para a aprendizagem do pensar

*Subversion dans la conformité, élection du sens dans la polysémie, modélisation par une expérience de réalité fictive, la lecture littéraire est, de ces trois façons, une pratique fructueuse dont le sujet sort transformé.*¹³⁵

Vincent Jouve

É comum que o aluno de pré-vestibular comunitário não tenha boa formação. Sua postura e atitude não fogem à regra, uma vez que é oriundo de um sistema educacional ultrapassado, senão, falido, que insiste na noção tradicional de segmentar e compartimentar o ensino, da qual o estudante não participa, não é co-autor do seu saber. Ou seja, a sua atuação é somente de coadjuvante nesta construção que se dá com o mundo, com os outros, fazendo-se plural dentro de sua individualidade.

No que tange à prática da leitura entre os alunos dos CPVCs, ela é vista como algo secundário, raras vezes como incentivo ou de (re)ligação dos saberes, nunca de maneira sistematizada. O aluno compactua a mesma idéia da grande maioria: não há interesse; a leitura é feita apenas por obrigação; leituras restritas às obras pedidas pelos

¹³⁴ BAHLOUL, J. *Lecturas precarias*, 2002, p. 32. “A iniciativa da leitura, a recepção e a circulação de conhecimentos adquiridos, a representação do livro e da leitura atuam nas malhas das redes de socialização”.

¹³⁵ JOUVE, V. *La lecture*, 1993 p. 104. “Subversão dentro da conformidade, eleição do sentido dentro da polissemia, modalização por uma experiência de realidade fictícia, a leitura literária é, destas três maneiras, uma prática frutífera da qual o sujeito sai transformado”.

professores; sem nenhum prazer; é feita apenas com materiais impressos (textos escritos); o professor de Literatura, por sua vez, em decorrência do tempo de preparação para os concursos de vestibular, limita-se às exigências dos programas das universidades.

Tal qual a disciplina que busca dar ao aluno destes cursos a noção de que ele é sujeito atuante do mundo (Cultura e Cidadania), sendo obrigatória tanto quanto às outras, deveria existir, nos CPVCs, a disciplina cujo objetivo seria a formação do sujeito-leitor. O foco desta disciplina seria o de procurar atenuar os problemas e entraves provocados pelo tipo de ensino a que foram submetidos; mostrar para eles o quanto a leitura é importante no seu desenvolvimento cognitivo; trabalhar através de textos literários, a fim de relacionar estética e prazer, o seu potencial de sujeitos.

Dessa maneira, se estamos em busca da construção de uma qualidade de vida melhor – afinal, queremos que o ato de ler seja mais que uma decodificação –, a formação do leitor, então, não estará restrita à posse de técnicas ou instrumentais para o domínio de determinado código. É algo muito maior, que não restringe a uma mera conceituação redentora, nem a método milagroso. Não existem fórmulas. É necessário deixar claro que a discussão sobre o ensino de Literatura ou o estímulo à leitura possui inauguralidade constante. É no movimento de (re)pensar e (re)fazer tanto a teoria, quanto a prática, que vamos construindo algumas hipóteses, que poderão traçar alguns pressupostos na difícil tarefa, não só de discutir métodos e metodologias, mas, principalmente, de realizar a leitura por meio das várias disciplinas cursadas e vice-versa.

Acredita-se que até mesmo antes da efetivação da alfabetização, expor a criança ao contato com livros é uma das estratégias fundamentais para o incentivo à leitura. No entanto, estimular e adquirir o hábito de leitura é muito mais complexo, além do mais, o público aqui estudado é outro, por ora, há que pensar e propor estratégias para a formação do leitor jovem e adulto.

A escola é, sem sombra de dúvida, o lugar onde a maioria das crianças e jovens tem oportunidade para se familiarizar com a leitura. Em quase cem por cento dos casos, é neste ambiente que se dá o letramento, as primeiras práticas leitoras e, portanto, a inserção à cultura do livro e da leitura. É também na escola que acontecem as primeiras leituras, sejam obrigatórias, sejam prazerosas, e onde a literatura faz parte de um ciclo de

conhecimentos, em geral, segmentados, e a leitura está aí, neste meio, totalmente diluída, mais ainda: não percebida.